

1.

INTRODUÇÃO

“De modo diverso daquele dos tempos precedentes, desde uns cinquenta anos não somente as diferenças, mas sobretudo os elementos comuns entre o cristianismo católico-romano e aquele reformado entraram na consciência das igrejas. Tornou-se claro que a missão confiada pelo Senhor à sua igreja exige a comum profissão de fé e a busca comum da unidade visível entre as igrejas. A nova situação do cristianismo na idade moderna, em que um ateísmo e um secularismo que se difundem a nível mundial abalam a fé cristã, as dolorosas experiências comuns no Terceiro Reich, o testemunho dos mártires, os encontros entre cristãos de diversas confissões possibilitaram que os membros das nossas igrejas se reconhecessem como irmãos e irmãs em Jesus Cristo. O cristianismo não realiza o seu mandato missionário se se apresenta aos povos e culturas dividido e em desacordo”¹.

Assim começa o documento final preparado pela comissão conjunta alemã de revisão dos anátemas recíprocos do século XVI entre católicos e evangélicos. Todo o esforço ecumênico é compreendido como fruto de uma nova consciência da identidade cristã, por parte das igrejas confrontadas pelos desafios da modernidade, e como condição necessária para a concretização da missão evangelizadora. É nesse contexto de busca da reconstituição da comunhão entre os cristãos que W. Pannenberg² constrói sua teologia. Tomando como corolário de seus postulados fundamentais a natureza “sacramental” da igreja, enquanto sinal eficaz da futura unidade da humanidade no Reino de Deus, ele percebe o empenho ecumênico como consequência irrenunciável da missão fundamental da igreja.

¹ COMMISSIONE ECUMENICA COMUNE CATTOLICA-EVANGELICA DELLA REPUBBLICA FEDERALE DI GERMANIA, *Rapporto conclusivo sulla revisione degli anatemi del secolo XVI*. In: EO 2, p. 694 et. seq.

² Wolfhart Pannenberg (1928 -) realizou seus estudos teológicos em Berlim, Gottingen, Basilea e Heidelberg, onde, em 1953, conseguiu sua láurea em teologia, obtendo sucessivamente, em 1955, a livre docência em teologia sistemática. Em 1958 tornou-se professor na escola superior eclesial de Wuppertal; em 1961 passou a ensinar na universidade de Mogúncia. No mesmo ano apareceu o volume publicado com o título ‘Revelação como história’ e essa nova interpretação da revelação suscitou um amplo debate, tanto na Alemanha quanto, depois, nos Estados Unidos. Desde 1967 tornou-se professor de teologia sistemática na universidade de Munique da Baviera e diretor do instituto ecumênico da mesma cidade. Ele foi o responsável, da parte luterana, pela coordenação da equipe de teólogos que em 1985 apresentou o estudo de revisão dos anátemas do século XVI.

Na história do movimento ecumênico, assumiu papel emblemático a assinatura da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, firmada entre a igreja católica e a Federação Luterana Mundial em 1999. Esse documento sintetiza aquilo que, ao longo dos debates teológicos de cerca de quarenta anos, foi percebido como comum na maneira de compreender a justificação, tema central nas disputas do tempo da Reforma. Esse acordo fundamental, aliás, era o que permitia o avanço nas conversações acerca de temas mais vastos, de caráter eclesiológico, visto que, se esses temas não podem ser simplesmente deduzidos da doutrina da justificação, certamente implicam uma sua compreensão. De todo modo, é sobre esse acordo de base que se pode construir, ou perceber ainda a impossibilidade, de novos avanços no diálogo ecumênico.

Wolfhart Pannenberg tem algo de próprio a oferecer numa reflexão ecumênica sobre a justificação e sua relação com a natureza instrumental da igreja, questão essa que ainda deve receber clarificações. Sua apresentação da doutrina da justificação, que representa uma releitura das declarações confessionais a partir de novas percepções da ciência exegética e de uma melhor conexão da linguagem da justificação com outros testemunhos do Novo Testamento, é de grande profundidade e cheia de conseqüências para a prática eclesial. Esse modo de compreender uma questão central e polêmica no diálogo ecumênico deve-se à íntima relação que o tema apresenta, através do conceito de fé, com o conjunto da sistemática do nosso autor.

O trabalho ora apresentado tem por objetivo explicitar o sentido da doutrina da justificação no interior da obra de W. Pannenberg. Pelo conceito de fé e sua íntima relação com a estrutura essencial do ser humano, veremos como a doutrina da justificação se relaciona com o conjunto da antropologia e, através dessa, com a questão de Deus, tal como se apresenta na teologia contemporânea. Veremos então como o nexó intrínseco entre fé e batismo repercute no correto entendimento da doutrina da justificação, sendo o suporte para uma renovada compreensão das formulações confessionais do século XVI em sua intencionalidade. Por fim, reconheceremos como o tema da justificação, tal como apresentado pelo nosso autor, não só elimina suspeitas na compreensão do lugar

da igreja na obra da salvação, como pode ensejar novas perspectivas para a sua compreensão e vivência concreta.

A tese está dividida em duas partes. A primeira apresenta não só os pressupostos para a compreensão da doutrina da justificação, mas alguns elementos fundamentais da sistemática de Pannenberg que terão nessa doutrina uma de suas conseqüências últimas. Igualmente vai apresentada uma síntese do diálogo teológico católico-luterano, o qual resultou na Declaração Conjunta. Nesse diálogo, W. Pannenberg foi um ativo participante e co-responsável pela comissão alemã de revisão dos anátemas do século XVI.

A segunda parte da tese corresponde a uma apresentação da doutrina da justificação como se configura em Pannenberg. Não só descrevemos essa doutrina, como a relacionamos com elementos que perpassam toda a teologia do autor. Em alguns casos, percebemos que a justificação é um dos pontos onde Pannenberg ‘tira conseqüências’ do seu projeto sistemático. Fazemos especial menção ao nexos reconhecido entre justificação e batismo mediante o conceito de fé. Essa parece ser uma nota característica, não exclusiva, obviamente, da reflexão de Pannenberg. Em todo esse percurso, pontuamos como essa apresentação orgânica da justificação pelo autor repercute sobre as polêmicas do diálogo ecumênico. Por fim, procuramos inferir algumas conseqüências práticas no que diz respeito ao discurso e à prática atual das igrejas.

A proposta teológica fundamental de Pannenberg, de uma teologia da revelação baseada sobre o conceito de revelação como história, é um instigante convite a rever os tratados teológicos sob uma nova perspectiva, aberta ao diálogo com a mentalidade moderna. Não é nosso objetivo fazer um juízo a respeito da completa adequação desse conceito à idéia cristã de revelação, nem sublinhar suas possíveis limitações. Tomamos como ponto de partida, somente, a certeza de que tal impostação libertou a teologia, principalmente aquela protestante, de uma série de pressupostos que impediam uma visão mais íntegra da mensagem cristã, arraigada na manifestação escatológica de Deus na história e destino de Jesus Cristo.

Acreditamos, portanto, que o estudo da doutrina da justificação em W. Pannenberg é uma excelente oportunidade para refletir a respeito da salvação cristã naquilo que ela possui de mais próprio e que configura a identidade da própria mensagem. Essa insistência sobre o ‘proprium’ cristão, contudo, não se dá em detrimento da abertura e de uma valorização positiva das realidades que não caem debaixo do conceito específico de igreja. Ao contrário, porque está orientada pelo conceito de fé, o qual sempre remete à futura manifestação do senhorio de Deus, a identidade cristã se constitui justamente enquanto instrumento a serviço da unidade de todos os homens com Deus e entre si. A realidade da justificação, que faz repousar o valor da pessoa não sobre o seu ‘fazer’ mas sobre o acolhimento misericordioso de Deus, capacita tanto as comunidades quanto os indivíduos cristãos a abrirem-se aos homens. Assim como vivemos pela misericórdia de Deus, podemos e devemos ser misericordiosos com os outros homens e mulheres. A igreja, comunidade dos justificados, é também instrumento de reconciliação com Deus, lugar onde se realiza o ministério do perdão, uma vez por todas doado na cruz de Jesus e agora aberto a todos mediante o seu Espírito.